

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2026

**De-trans-contracolonialidade: caminhos de autonomia e reexistência
para Viver em Plenitude**

**De-Trans-Countercoloniality: Paths to Autonomy and Re-Existence for
Living in Plenitude**

**De-trans-contracolonialidad: caminos hacia la autonomía y la
reexistencia para Vivir en Plenitud**

Barbara Lipinski¹
Fernanda Aidê Seganfredo do Canto²
Reinaldo Matias Fleuri³

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão entretecida a partir da experiência vivida por duas coautoras e um coautor na disciplina *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: pesquisa sociopoética para a organização do conhecimento*. A proposta, desenvolvida no âmbito acadêmico, buscou tensionar e ampliar as formas de aprender e conviver, aproximando saberes científicos, artísticos e ancestrais. Por meio da sociopoética e da abordagem *de-trans-contracolonial*, a experiência possibilitou compreender a aprendizagem como prática viva, relacional e crítica, em que o conhecimento emerge do encontro entre pessoas e mundos diversos. As trajetórias de coautoria se entrelaçaram nesse percurso, compondo o conceito de *Autonomiau* – um modo de aprender em liberdade, nutrido pela curiosidade, pela escuta e pela criação compartilhada. O texto evidencia que a plenitude de vida se constrói na confluência entre autonomia e comunidade, razão e sensibilidade, ciência e vida. Ao propor uma educação baseada no diálogo, na reciprocidade e na integração orgânica com todos os seres da natureza, o artigo afirma o aprender como gesto político e poético de resistência às lógicas coloniais, e o viver em plenitude como horizonte ético e existencial. É nesse horizonte que se inscreve o conceito de transcolonialidade, compreendido como uma prática cotidiana de cuidado, diálogo e vínculo; uma pedagogia da escuta que atravessa e fecunda as tensões entre as práticas decoloniais, que atravessam as instituições sociais, e as contracoloniais, protagonizadas pelos povos quilombolas, indígenas e tradicionais.

Palavras-chave: autonomia; reexistência; transcolonialidade; sociopoética; Viver em Plenitude.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2861-1359>. E-mail: babilipinski@hotmail.com.

² Doutoranda em Ciência da Informação. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5456-3664>. E-mail: fernanda.canto@udesc.br.

³ Doutor em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7372-1429>. E-mail: rfleuri@gmail.com.

Contextualização

O presente artigo nasce da experiência de coautoria vivida na disciplina *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: pesquisa sociopoética para a organização do conhecimento*, na qual escuta, criação e reflexão orientaram um processo de aprendizagem vivo e compartilhado. Em uma das primeiras atividades, cada pessoa participante foi convidada a se conectar consigo mesma, escolhendo uma palavra geradora e desenhando um símbolo que representasse seu propósito de vida ou desafio existencial focalizado nesse momento. Em seguida, em um movimento de aproximação, numa dança, buscou-se o encontro com outras pessoas cujas palavras e símbolos guardavam alguma afinidade. Desse gesto simples e simbólico, emergiu espontaneamente o encontro de três caminhos: o beija-flor de Reinaldo e seu chamado para “viver em plenitude”; o gato de Barbara e o seu desejo de “autonomia”; e os bem-te-vis de Fernanda com sua “distribuição” e partilha.

O diálogo entre esses símbolos – o voo pleno, a liberdade e a partilha – deu origem ao trio *Autonomiau: beijando a plena flor para a bem-te-vida*, uma metáfora do modo como coautoras e coautor aprenderam, pensaram e criaram coletivamente. Esse nome, que brinca com a sonoridade e a imaginação, traduz uma ética e uma estética de convivência: autonomia que não é isolamento, mas reciprocidade; voo que não é fuga, mas mergulho no contexto presente; partilha que não empobrece, mas se completa na relação com os todos os outros seres humanos e da natureza.

No decorrer das atividades promovidas no contexto pedagógico mobilizado interativamente por cerca de quarenta pessoas, foi experienciado, em práticas sociopoéticas e escritas coletivas, os sentidos de decolonialidade, contracolonialidade e transcolonialidade. O “de” (-colonial) aparece como indicador do projeto ético-epistêmico que atravessa as instituições e sistemas neocoloniais, desestabilizando seus dispositivos de dominação e de sujeição patriarcais e raciais que moldam o pensamento e a vida das sociedades herdeiras da modernidade; o “contra” manifesta-se nas resistências que brotam das práticas comunitárias e agroecológicas sustentadas por movimentos enraizados nas ancestralidades quilombolas, indígenas e tradicionais, como propõe Nêgo Bispo (Antônio Bispo dos Santos) (Santos, 2023a); e o “trans” emerge como travessia viva entre mundos, como o fio que conecta o saber acadêmico aos saberes tradicionais e ancestrais. Assim, a transcolonialidade foi sendo compreendida não como conceito abstrato, mas como vivência relacional: o encontro entre o que se aprende nas instituições e o que ensinam os povos e comunidades tradicionais, pela partilha de valores que resistem e se reinventam na perspectiva de viver, conviver e gerar vida em plenitude.

As práticas vividas, inspiradas em metodologias participativas e em experiências históricas de educação libertadora – como as da Escola de Barbiana e do Movimento de Cooperação Educativa (Muraca; Fleuri, 2024) – tornaram-se ferramentas de reflexão e transformação. Ao escrever e

reescrever juntos, experimentou-se uma pedagogia viva, que faz da escuta e da partilha modos de pensar e existir em cooperação. Nesse processo, compreendeu-se que decolonizar é também reencantar: restituir o valor dos vínculos, das ancestralidades e dos gestos cotidianos de cuidado que sustentam a vida.

Autonomian é, assim, mais que um neologismo indicador de um grupo, é uma travessia entre mundos, um espaço de aprendizagem crítica e viva, em que o conhecimento se faz em movimento, beijando a flor da vida em suas múltiplas formas. Nas seções seguintes, apresentam-se as visões de cada autora e autor que compõem o trio, tecendo, a partir de suas singularidades, um mosaico de sentidos sobre o que é viver, aprender e reexistir em plenitude.

Em busca de Viver em Plenitude

Reinaldo Matias Fleuri

Quando penso na minha trajetória, percebo que dois aspectos marcam profundamente a minha história. Quando criança, eu era um menino muito tímido e submisso. Sentia a necessidade de cumprir rigorosamente as regras, de ser “bem comportadinho” o tempo todo, em busca de segurança. Ao mesmo tempo, dentro de mim crescia uma rebeldia que se manifestava como resistência e crítica às práticas autoritárias. Esse fio condutor – a luta contra o autoritarismo – atravessou toda a minha vida.

Nas situações em que ocupava um lugar subalterno, muitas vezes precisei lidar com o autoritarismo resignando-me, conformando-me para evitar punições e, quem sabe, ser aceito e promovido no contexto familiar e escolar. Era uma forma de resistência silenciosa, comum em instituições disciplinares e autoritárias. Mais tarde, como professor, encontrei outra forma de enfrentar esse desafio. Descobri uma grande atração pela prática docente, sobretudo porque ela me oferecia a oportunidade de aprender com todas as pessoas com quem eu interagia. Minha motivação sempre foi essa: aprender ao ensinar.

Por isso, entendo minha prática como um esforço permanente de desconstruir posturas autoritárias. O verdadeiro sentido da docência, para mim, está em aprender em diálogo com as pessoas. Ainda hoje mantenho essa curiosidade viva: quero aprender com as experiências diversas que cada pessoa traz. Essa é, para mim, uma experiência decolonial na universidade – uma busca de aprender em diálogo e cooperação educacional, não enquadrar ou doutrinar subalternos.

Lembro quando algumas colegas chamaram essa metodologia de “fleuriana” (Figueiredo; Okawati; Teixeira, 2021), para indicar uma proposta de oficina pedagógica que venho desenvolvendo nas minhas últimas décadas de docência. A princípio, estranhei, pois parecia um culto à personalidade, atribuindo a um indivíduo uma prática que é coletiva, construída com muitas mãos e mentes, entrelaçando diferentes histórias singulares tecidas por suas respectivas ancestralidades. Depois, ao reler Paulo Freire, percebi que ser “freiriano” não significa copiar, mas reinventar. Da mesma forma, o termo “fleuriano” não seria uma atribuição de uma marca pessoal a uma prática coletiva, mas a nomeação de uma experiência educacional específica ensejada pela proposta de oficina pedagógica que vim desenvolvendo recentemente, cujas estratégias metodológicas vêm sendo apropriadas e recriadas pela interação proativa de todas as pessoas que compartilham suas experiências de vida e entretencem narrativas que explicitam os significados profundos de seus propósitos de vida.

Outro aspecto fundamental da minha trajetória é o caminho de aproximação com os povos indígenas e quilombolas. Nos contextos em que vivi, eu também fui condicionado a ver os povos originários através do estereótipo colonial, como populações “atrasadas”, supersticiosas, em contato apenas com a natureza e à margem da modernidade. Foi preciso um longo processo para desconstruir esses preconceitos. O contato direto, as conversas pessoais e as amizades mostraram-me que, na verdade, compartilhamos uma mesma identidade humana, enraizada em nossas ancestralidades.

Descobri que, entre meus próprios avós e bisavós, havia indígenas e negros cujas origens foram apagadas pelos registros oficiais. Percebi que não se trata apenas de uma herança genealógica, mas também de uma ligação espiritual, de propósitos de vida que me conectam a essas raízes. Embora tenha começado a trilhar esse caminho pela pesquisa acadêmica, foi no reencontro com os princípios ancestrais – comunitários, espirituais, integrados com a vida de todos os seres da natureza – que compreendi essa identidade mais profunda.

Hoje reconheço nesses valores – relacionalidade, complementaridade, reciprocidade e integralidade, princípios da Vida em Plenitude, ou Bem Viver – a base de uma proposta ancestral de vida. Valores que se contrapõem ao individualismo, à negação do outro, à posse e ao domínio. Valores que nos conectam a todos os seres da natureza. Para mim, esse é o sentido profundo do viver em plenitude: um propósito de vida que transcende o acadêmico e que nos religa à nossa ancestralidade.

Essa é a história que me mobiliza e que compartilho. E sigo aprendendo, porque minha vida, em essência, sempre foi e continua sendo uma experiência de aprendizagem.

Da curiosidade à plenitude: o caminho de uma aprendizagem crítica e viva

Barbara Lipinski

O que chamou a minha atenção para participar da disciplina *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: pesquisa sociopoética para a organização do conhecimento*, proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), foi em primeiro lugar a maneira como o professor Rodrigo de Sales a apresentou para a turma. Ele dizia que seria algo completamente diferente de tudo o que já tínhamos vivido na academia, uma experiência que marcaria nossas vidas. Esse convite despertou a curiosidade em todos os discentes do PGCIN, e, claro, o fato de a disciplina valer seis créditos também foi um incentivo acadêmico importante. Assim, fomos movidos tanto pela expectativa de viver algo novo quanto pelo reconhecimento acadêmico que ela proporciona.

As orientações iniciais para a aula já despertaram estranhamento e curiosidade: roupas confortáveis e alimentos naturais. Isso nos fez pensar sobre o que aconteceria ali, criando ainda mais expectativa. Ao chegar, percebemos que a proposta realmente era outra: uma aprendizagem contra a rigidez tradicional da academia. A base teórica estava presente, como a sociopoética, mas a forma de aprender era espontânea, coletiva, colaborativa, sem hierarquia. Diferente da sala de aula convencional, em que o professor fala e os alunos ouvem, ali todos construímos juntos, em diálogo constante. Essa experiência desconstrutiva me fez sentir que aprendi muito mais do que em aulas expositivas comuns, justamente pela troca entre colegas e pela liberdade de participação.

Essa liberdade, no entanto, não se limitava ao campo da expressão; ela trazia consigo um exercício de crítica viva, de questionamento permanente sobre o que aprendemos, como aprendemos e a quem servem os saberes legitimados. Foi nesse espaço que a curiosidade inicial se transformou em consciência crítica – uma curiosidade que já não buscava apenas o novo, mas o sentido e o compromisso ético do aprender.

Esse modo de vivenciar a troca de conhecimentos levou-me a questionar a própria academia. Por que ela precisa ser tão rígida? Na prática, percebemos que é possível aprender, produzir conhecimento e legitimar saberes de outras formas. Essa crítica não é destrutiva, mas criadora: ela nos convida a imaginar uma universidade mais aberta à vida, ao sensível e à pluralidade dos saberes. A experiência na aldeia e no quilombo reforçou essa percepção: ali a academia se encontra com a vida, e o aprendizado ganha um sentido maior.

No plano pessoal, confesso que no início não me considerava criativa e até questionei algumas propostas, achando que talvez estivéssemos “viajando” demais. Todavia, logo percebi que havia

propósito em cada atividade, que tudo tinha um porquê e, aos poucos, isso transformava meu modo de pensar. O conceito de *de-trans-contracolonialidade* é um exemplo disso: nasceu de algo que parecia estranho, mas trouxe reflexões profundas acerca da autonomia e da possibilidade de romper com estruturas rígidas e coloniais da academia. Exercitar a crítica, nesse contexto, foi aprender a duvidar das formas prontas de conhecimento e a abrir espaço para o novo – para o saber que brota da experiência e da escuta.

A vivência com o povo Guarani da Aldeia Pira Rupa⁴ e os quilombolas do Quilombo Vidal Martins⁵ também foi muito marcante. Mais do que aprender sobre eles, aprendi a reconhecer nossa humanidade em comum. Eles têm Deus, escola, alimentação, lazer, assim como nós na vida urbanizada. Essa proximidade quebrou a visão distante que muitas vezes temos por desconhecer essas comunidades. Ao mesmo tempo, ficou muito claro o quanto sofrem com o preconceito, algo que sentimos de forma mais forte quando vivemos de perto sua realidade. Presenciar isso é muito mais transformador do que apenas ouvir falar. Essa experiência fez nascer em mim uma crítica sensível, que não é apenas intelectual, mas afetiva – uma crítica que nasce do encontro, da empatia e da responsabilidade diante das desigualdades.

Em resumo, essa experiência foi única. Trouxe aprendizado acadêmico, pessoal e mais humanidade. Fez-me compreender que existem outras formas de produzir conhecimento, mais plurais, coletivas e decoloniais, e que a vida pode – e deve – ser conduzida assim: com menos rigidez, mais humanidade e abertura para aprender com o outro. Uma aprendizagem verdadeiramente viva é aquela que nasce da curiosidade, amadurece na crítica e floresce na plenitude do encontro.

A dimensão decolonial como alívio e reencontro: reflexões de uma designer e museóloga sobre práticas acadêmicas e comunitárias

Fernanda Aidê Segnfredo do Canto

Entendo que a experiência de uma disciplina decolonial constitui um alívio diante das estruturas acadêmicas convencionais, pois legitima, no próprio espaço da universidade, a possibilidade de relativizar tanto a escrita quanto as formas de pensamento predominantes. Essa abertura

⁴ Comunidade indígena Guarani, localizada na região de Massiambu, em Palhoça/SC, que acolheu o grupo de estudantes e professores participantes desta disciplina, no dia 28 de agosto de 2025.

⁵ Primeira comunidade quilombola de Florianópolis/SC, localizada no bairro Rio Vermelho. Sua luta pela titulação da terra é centenária, com reconhecimento formal pela Fundação Cultural Palmares em 2013 e reconhecimento de 961 hectares pelo Incra em 2022, mas a titulação ainda está em andamento. Os participantes da disciplina visitaram o Quilombo Vidal Martins no dia 29 de agosto de 2025.

acompanhou todo o processo vivido na disciplina e se manifesta também neste momento de produção textual coletiva.

Quando me inscrevi, percebi que as aulas ocorreriam manhã e tarde, dois dias por semana, e imaginei que o maior desafio seria lutar contra o sono. Supus que, em algum momento, o cansaço tomaria conta, afinal, é muito tempo dedicado a um mesmo tema. No entanto, a proposta decolonial e sociopoética da disciplina me manteve inteiramente desperta: corpo, mente e emoções estavam sempre em movimento. Não se tratava apenas de analisar esses aspectos como conceitos, mas de senti-los e vivê-los (em plenitude, como o título da disciplina sugere).

Meu propósito de estar ali relacionava-se ao trabalho que já desenvolvo com povos e comunidades tradicionais, tanto no campo do design quanto no audiovisual. Busco aprimorar minha comunicação com esses grupos, de modo que possam conquistar maior autonomia na produção de suas próprias peças comunicacionais. Como designer, quando sou contratada por um cliente, preciso entender o que ele quer por meio de um *briefing*, seguindo protocolos e metodologias do design. A partir disso, elaboro propostas que se aproximem do que aquela pessoa mentalizou. Mas esse processo se torna muito mais complexo quando a pessoa pertence a uma cultura diferente da minha, como é o caso dos povos e comunidades tradicionais. Meu repertório de símbolos, por mais que eu busque ser neutra, é fruto do meu próprio sistema cultural.

Essa questão está diretamente ligada à minha pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC), que trata da distribuição e da mediação da informação, em especial, de como esses produtos são apropriados e utilizados pelas comunidades. Foi nesse contexto que busquei a disciplina, para me aproximar mais dos grupos com os quais trabalho. E essa aproximação de fato ocorreu. Mas, além de me aproximar deles, aproximei-me de mim mesma, não só enquanto “profissional neutra”, designer, mas como pessoa, com sentimentos, propósitos e com os verdadeiros motivos que levam a me envolver com esses povos: empatia, alteridade e a compreensão de que o mundo precisa caminhar em direção ao Bem Viver.

As formas de vida mais sustentáveis estão muito mais conectadas com os modos de existência dos povos e comunidades tradicionais do que com a nossa forma colonial/pós-colonial de viver, marcada pelo capitalismo e por suas ruínas. Donna Haraway e Anna Tsing (2019) discutem o conceito de *plantation* e as polifonias multiespécies, descrevendo o sistema de colonização implantado na América Latina, em que espécies exóticas são introduzidas em extensos territórios, enquanto as comunidades locais são expulsas e a mão de obra escravizada é trazida de fora. Plantas exóticas, pessoas deslocadas, culturas desfeitas, tudo a serviço de um sistema de produção e consumo desconectado de seus territórios originais.

Quando penso nisso, percebo como esses processos coloniais, iniciados séculos atrás, continuam impactando os povos indígenas e afrodescendentes até hoje. E me pergunto: quem sou eu dentro desse processo? Esse é um movimento que vai do macro ao micro. Cada pessoa é um ponto de conexão para transformar a sociedade. As nossas subjetividades, quando partilhadas, podem reverberar coletivamente, como aconteceu nesta disciplina. Ela se mostrou necessária justamente por legitimar, dentro da academia, inquietações que são pessoais, mas também históricas e universais, ligadas à justiça socioambiental.

Durante uma vivência muito intensa na disciplina, me deparei com sentimentos de desesperança. Foi uma sensação de impossibilidade de agir, de não ter capacidade de transformar a situação. A raiva e a revolta ainda podem ser forças mobilizadoras, mas a frustração diante da iminência da derrota paralisa. Como museóloga, que é minha segunda formação, sinto isso profundamente. Enquanto designer e produtora audiovisual, costumo ser chamada quando algo está funcionando: quando concluímos um projeto, vencemos um edital, lançamos um livro ou um filme. Mas a museóloga entra em cena quando algo está em risco de perda iminente. É o lado mais doloroso: preservar o máximo possível do que ainda resta. Ninguém pensa em proteger uma cultura quando ela está viva e abundante; a necessidade de registro surge quando o risco de perda se aproxima.

Trabalhar com povos e comunidades tradicionais, mesmo por meio do audiovisual ou da produção gráfica, é também buscar conservar algo que vem sendo ameaçado há muito tempo. Durante uma das dinâmicas, fui confrontada com essa dimensão da perda: histórias, culturas e memórias que já se foram. Talvez se tornem sementes para que nunca nos esqueçamos, mas, ainda assim, evocam em mim a sensação de derrota, como se eu tivesse falhado com os votos de salvaguarda assumidos quando me formei museóloga. Mas aí me lembro do que disse uma liderança Kanindé do Ceará, Cícero Pereira, sobre o museu:

O museu para os Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles. O museu para os Kanindé é vida. Nós gostamos do museu do tanto que gostamos dos nossos pais, porque ele guarda retratos, imagens, objetos que foram feitos antigamente, tudo o que construiu nossa história (Cury, 2016, p. 156).

Essa citação me marcou muito. Ela mostra que o museu pode ser uma resposta para lidar com a perda, preservando e transmitindo memórias para as próximas gerações. Essa disciplina me aproximou não apenas dos grupos com os quais trabalho, mas também de mim mesma. Eu me reconheço como designer e museóloga, mas, antes de tudo, como alguém que busca, de forma subjetiva e coletiva, um mundo melhor. Identifico-me como “designer agroecológica”, pois todo o meu trabalho se volta ao meio ambiente e aos povos e comunidades tradicionais. Sou profundamente grata por ter escolhido esse caminho e por ter a chance de honrá-lo em cada projeto que realizo. Cada vez mais crio raízes nesta trajetória, que agora se expande também no meu doutorado. É dessa

integração entre vida profissional, pessoal e acadêmica que sigo contribuindo, aprendendo e me transformando.

Entretecendo confluências de-trans-contracoloniais

A experiência de aprendizado das coautoras e coautor revela um movimento comum de desconstrução, de abertura e de reconexão com formas mais humanas, coletivas e plurais de produzir conhecimento.

Para Barbara, o aprender deve ocorrer de modo espontâneo, colaborativo e sem hierarquia. Esta é uma experiência transformadora, capaz de questionar a rigidez da própria academia e mostrar que a legitimidade do saber pode nascer de trocas horizontais, do encontro e da escuta. O conceito de *De-trans-contracolonialidade* é um exemplo que surgiu dessas trocas como um símbolo da ruptura com estruturas fixas, propondo autonomia e liberdade para pensar e viver o conhecimento de maneira mais viva e humana. A vivência da autora com o povo indígena e a comunidade quilombola revelou que aprender não é apenas absorver informações, mas reconhecer a humanidade compartilhada que conecta uns aos outros, tornando o aprendizado um ato de comunhão e transformação.

Da mesma forma, Reinaldo partilha desse percurso. A atuação como professor ao longo de 55 anos foi motivada sempre pela busca de aprender junto às pessoas com quem vem compartilhando a experiência pedagógica. Ao lidar com o desafio constante de desarmar as posturas e os dispositivos autoritários mediante estratégias dialógicas e problematizadoras das práticas sociais, o coautor encontra alento em pedagogias de saberes ancestrais, legados pelos povos indígenas e quilombolas, para além da lente preconceituosa do colonialismo, que os veem como “atrasados” ou “supersticiosos”. No entanto, o convívio e o reencontro com os princípios ancestrais – de relacionalidade, complementaridade, reciprocidade e integração com todos os seres da natureza – ensejaram o reencontro com uma identidade pessoal mais profunda, que transcende o âmbito acadêmico. Aprender com esses povos foi um caminho de reconexão com a ancestralidade e com o propósito de viver em plenitude, atravessando as barreiras entre o saber científico e o saber ancestral.

Fernanda reflete sobre sua formação cultural e profissional, que influencia o modo de perceber e se comunicar com as comunidades tradicionais. Ao reconhecer essa condição, busca construir uma relação recíproca, complementar e autoral, trabalhando pela autonomia das comunidades na produção de suas próprias narrativas e na mediação da informação. A coautora entende que cada sujeito é um ponto de conexão capaz de refletir inquietações coletivas e históricas, ligadas à justiça social e ambiental, e que a transformação do mundo depende dessa rede de subjetividades conscientes e

engajadas. Sua reflexão se amplia quando percebe que os processos coloniais de séculos atrás ainda hoje impactam os povos indígenas e as comunidades tradicionais, levando-a a se perguntar qual o papel de cada pessoa dentro desse contexto histórico, e como aprender e se transformar junto com as comunidades.

Assim, os três depoimentos que compõem o tema gerador deste grupo-pesquisador se entrelaçam em uma mesma tessitura: a busca por um modo de conhecer que flexibiliza a rigidez colonial da academia, reconhece a potência dos saberes ancestrais e valoriza o aprendizado como prática de liberdade, humanidade e transformação compartilhada.

Confluência e devir: encontros que ampliam a vida

O conceito de confluência, formulado por Nêgo Bispo, expressa um movimento vital de encontro entre diferenças – humanas e não humanas – que se unem sem perder suas singularidades, gerando fortalecimento coletivo, sabedoria e renovação da vida. Trata-se de um princípio ético e cosmológico que se opõe à lógica colonial de dominação e homogeneização. Segundo o autor, “a confluência é a união de diferentes características, identidades, culturas ou caminhos, e que juntas promovem uma transformação mútua que resulta em ‘uma força que rende, que aumenta, que amplia’” (Santos, 2023b, p. 14). Diferentemente da fusão – que apaga as diferenças –, a confluência celebra a diversidade como potência, permitindo o entrelaçamento de saberes e modos de vida que coexistem em reciprocidade. Nêgo Bispo traduz essa ideia pela imagem das águas de diferentes nascentes que se encontram sem deixar de ser singulares, mas que, ao se unirem, ganham mais volume e força para seguir adiante.

Essa noção brota da cosmopercepção quilombola, que compreende a terra, os rios, as plantas e os humanos como partes interdependentes de uma mesma trama viva. Bispo dos Santos (2023b) observa que o plantio tradicional, em que “as plantas nativas brotavam em meio às plantas cultivadas” (p. 58), revela essa sabedoria do encontro, onde há alimentos para todos os seres, humanos ou não humanos. Assim, o campo simbólico da confluência é também o da convivência solidária e do compartilhamento dos frutos da terra. Essa compreensão da vida como coexistência remete à necessidade de substituir a lógica da competição pela da cooperação e do isolamento pela interconexão: horizonte que o autor define como contracolonial, ou seja, uma resistência ativa à homogeneização imposta pela modernidade colonial. Como sintetiza: “o contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender” (Santos, 2023b, p. 58).

Por isso, em lugar de *desenvolver* – termo que pressupõe linearidade e progresso –, o autor (Santos, 2023a) propõe *envolver-se*, ou seja, viver compartilhando: “mais do que se desenvolver o conhecimento, deve-se envolver com o conhecimento” (p. 10). A confluência, nesse sentido, é o espaço do envolvimento, onde povos, saberes e naturezas se relacionam sem hierarquias, tecendo redes de reexistência, termo que expressa o ato de continuar existindo a partir das próprias raízes ancestrais.

Essa leitura dialoga diretamente com o conceito de “devir”, em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), para os quais o devir é um movimento de diferenciação contínua, um fluxo de intensidades que atravessa os seres e suas relações, sem jamais fixar-se em uma identidade estável. “O devir é sempre de uma multiplicidade: torna-se animal, mulher, imperceptível... mas nunca ‘como’ o animal ou a mulher; é uma linha de fuga, um entre, um meio” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 13). Assim como a confluência, o devir não busca síntese, mas convivência das diferenças, uma coexistência que não apaga, mas potencializa as singularidades. Nesse movimento, Deleuze e Guattari contrapõem-se à lógica hegeliana da síntese dialética: em vez de suprimir contradições, o devir faz coexistirem estabilidade e movimento, tradição e mudança, em uma mesma dinâmica rizomática. Como afirmam os autores, “o ‘e’ não é uma conjunção, mas uma correlação rizomática. O ‘e’ é o próprio devir” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 32).

Assim, a confluência de Nêgo Bispo e o devir de Deleuze e Guattari convergem como filosofias da coexistência e da potência da diferença. Ambas rejeitam a lógica do “ou” – ou tradição, ou mudança; ou natureza, ou cultura – e propõem a lógica do “e”, que conecta sem hierarquizar. Em termos deleuzianos, a confluência é um *devir-com*: um processo em que as partes se afetam mutuamente e emergem transformadas, mas não dissolvidas. Essa concepção sustenta uma ética do Bem Viver, em que a complementaridade entre opostos é condição de plenitude e a vida se afirma como fluxo contínuo de aprendizagens e transformações. Desse modo, tanto a confluência quanto o devir apontam para uma ontologia relacional e contracolonial, em que resistir é coexistir e no qual a diferença é o que faz a vida render, aumentar e ampliar.

Foi esse movimento de confluência e devir que se percebeu nas composições entretecidas pelos sete grupos-pesquisadores, em suas respectivas criações poéticas, durante a experiência sociopoética de pesquisa conversitária⁶ e que serão apresentados a seguir.

⁶ “Conversidade” é o termo criado por Reinaldo Matias Fleuri (2019) para indicar o modelo de conhecimento desenvolvido mediante o diálogo crítico entre universidade e movimentos sociais.

*O antirracismo,
a justiça com escuta
renasce na luta*

O haikai coletivo acima sintetiza um gesto de criação e pertencimento que revela um tecido simbólico e afetivo que entrelaça ancestralidade, resistência e reconexão com a vida em suas múltiplas dimensões. As falas e criações dos participantes articulam um campo de forças em que o renascer se dá como gesto político, espiritual e comunitário.

Carlo Zarallo traz o símbolo do cacto San Pedro, que enraíza e floresce em ciclos de vida, morte e renascimento, associando o termo mapuche *Wiñel Tripantu* ao movimento da luta como cuidado da terra e da existência. Lurian Gonzaga, por sua vez, evoca o punho cerrado e a palavra antirracismo, situando o rap como prática pedagógica e instrumento de emancipação coletiva, onde a luta se torna verbo educativo. Luciana Cogo destaca a escuta como caminho epistemológico e espiritual, propondo um aprendizado que emerge da reconexão com os seres, os elementos e as vozes indígenas. Elisa Paim amplia esse horizonte ao tratar das práticas antirracistas na educação, articulando saberes e experiências de povos negros e indígenas como fundamentos de uma justiça transformadora. Rodrigo de Sales, por fim, invoca Xangô e sua chave da justiça, símbolo de passagem e abertura, interpretando a experiência coletiva como um campo de energia que protege, une e desperta a consciência.

Figura 1 – Integrantes do grupo 1



Fonte: Acervo da disciplina

Os integrantes deste grupo-pesquisador, ao reunir palavras como luta, racismo, antirracismo, escuta, justiça e renascer, constroem uma poética da autonomia, um movimento de vida que nasce da escuta sensível e da resistência compartilhada.

*Resistir às mudanças
para continuar em movimento
e abraçar a liberdade*

As pesquisadoras Caroline Pasa, Rita da Cunha e Rosiane Maria teceram uma reflexão sensível sobre o paradoxo entre resistência e mudança, partindo das palavras mudança, movimento e resistência para construir uma imagem simbólica do Rio Velho – rio cuja trajetória foi artificialmente retificada, traçando um leito linear, mas que paralelamente permaneceu vivo em seu curso original, sinuoso, resistente. A partir dessa narrativa, as participantes coautoras elaboram um sentido de resistência como fluxo, não como imobilidade: resistir, aqui, é preservar o ritmo orgânico da vida diante das tentativas de controle e padronização.

As imagens evocadas pelas pesquisadoras – borboleta (Caroline), a árvore (Rita) e o rio (Rosiane) – formam uma constelação simbólica que articula metamorfose, enraizamento e fluidez. O grupo reconhece que nem toda mudança é emancipatória; algumas são mudanças impostas, colonizadoras, que interrompem o equilíbrio dos corpos e dos territórios. Nesse contexto, resistir significa escutar o tempo e o curso da natureza, permitindo que o movimento surja de dentro, em confluência com a vida e não contra ela.

Figura 2: Integrantes do grupo 2



Fonte: Acervo da disciplina

Inspirados pela lenda da anciã conhecida como Velha Leite – a única que restava dos povos indígenas que viviam ali –, em que um zangão traça o caminho do rio seguindo o desejo das flores, as participantes compreendem que a liberdade está nas curvas, desvios, retornos e formas não lineares do existir. A frase-síntese do grupo “Resistir às mudanças para continuar em movimento e abraçar a liberdade”, expressa assim uma ética ecológica e decolonial do movimento, em que resistir é também cuidar, e continuar em movimento é um modo de permanecer vivo sem se deixar retificar.

Espiral do afeto: empatia, conexão e partilha no redemoinho da vida

O grupo apresentou-se a partir de cinco palavras-força: conexões (Sandra), empatia (Jeferson), conexão (Jane), compartilhar (Amanda) e afeto (Sílvia), articuladas por imagens que traduzem modos

de viver e conviver em relação com humanos e mais-que-humanos. Sandra escolheu o flamingo como animal, por ele viver em grupo. Suas cores parecem com uma obra de arte, convidando a refletir sobre contrastes, semelhanças e diferenças. Para Jeferson, a empatia é condição de convivência e precisa incluir a natureza; para ele, seu cachorro simboliza o cuidado que se oferece sem cobrança, como presença afetuosa e parceira. Jane escolhe a conexão como fundamento do convívio e a figura da árvore como metáfora de enraizamento e movimento: raiz e centro que sustentam, galhos e folhas que abrem possibilidades, ciclos e estações que expressam mudanças e trocas de saberes que se constroem, se desfazem e se reconstroem. Amanda afirma o compartilhar como princípio de sua pesquisa sobre compartilhamento de dados científicos na biodiversidade, elegendo o papagaio como imagem: pelas redes colaborativas da ciência cidadã e pelo papel ecológico das aves na dispersão de sementes, tornando visível a partilha como produção de conhecimento e, simultaneamente, geração e sustentação da vida. Sílvia, por sua vez, assume o afeto como eixo integrador: narra-o como dança que encontra as demais palavras e as reúne; seu “espírito animal” – o lagarto de língua azul – remete a uma experiência de encontro em comunidade indígena na Austrália, associando afeto, ancestralidade e vínculo. Ao deslocar a contabilidade para a “ciência das trocas”, ela sustenta que toda troca envolve afetar e ser afetado, para além do valor monetário.

Figura 3 – Integrantes do grupo 3



Fonte: Acervo da disciplina

A síntese visual do grupo foi uma espiral, entendida como redemoinho que retroalimenta a vida e torna inseparáveis fala e escuta, leveza e movimento, ciclos e ancestralidade, vínculos e ecossistemas. A espiral expressa que empatia, conexão, partilha e afeto não são temas isolados, mas dimensões interdependentes que circulam continuamente: recebemos e damos afeto, conectamo-nos e nos transformamos, compartilhamos para gerar vida. Nessa imagem coletiva, o grupo afirma uma ética relacional em que o viver se reconhece como fluxo: um movimento permanente de contorno, retorno e renovação.

*Lado a lado, no contexto, há limites e possibilidades.
Há quem seja flexível, fluido.
Há quem se adapte.
Há quem observe.
Romper as estruturas é transformar os limites em traços flexíveis.
Transformar a si.*

O poema coletivo, nascido da interlocução entre as imagens do gato (Marcela Reinhardt de Souza), do camaleão (Marcelo Silveira) e da cobra entrelaçada à hera (Priscila Guarate), condensa uma sabedoria relacional que emerge das experiências do grupo-pesquisador. Cada figura traduz uma forma singular de se posicionar diante das tensões do mundo: o gato recolhe-se e observa; o camaleão adapta-se ao contexto; a cobra e a hera resistem e persistem. Lado a lado, essas imagens afirmam que os limites não são muros, mas contornos vivos, que delimitam o lugar do encontro entre forças diversas. Como expressa o verso inicial, “no contexto, há limites e possibilidades”: o limite, quando reconhecido e atravessado, torna-se também fonte de movimento e criação.

A metáfora dos “traços flexíveis” traduz a capacidade de romper estruturas sem destruir o vínculo com o entorno, de abrir brechas na rigidez das formas para permitir o movimento da vida. Nesse gesto, o limite deixa de ser prisão para tornar-se linha de passagem, como o rizoma de Deleuze e Guattari (1997), onde o “e” conecta diferenças sem hierarquizá-las. O traço flexível é, assim, expressão do devir, um espaço entre – nem estático, nem dissoluto – que se estende e se reinventa em contato com o outro.

Nessa perspectiva, transformar os limites é também um ato ético e estético, uma pedagogia da escuta e do contexto. Como lembra Marcelo, o camaleão “é capaz de escutar o contexto, produzir e reproduzir a partir dele”, revelando que cada ser encontra seu modo de se situar nas variações da vida. Essa escuta atenta às mudanças, aos afetos e às diferenças torna possível uma convivência contracolonial – que resiste à imposição de formas únicas e reconhece a pluralidade como força criadora.

Figura 4 – Integrantes do grupo 4



Fonte: Acervo da disciplina

Ao propor “transformar a si”, o poema e a experiência coletiva convocam à autotransformação como caminho de reconexão: romper estruturas internas, abrir-se à alteridade e reconfigurar o próprio olhar sobre o mundo. Assim, o limite deixa de ser barreira e se torna um contorno vivo, que orienta o cuidado e o pertencimento. É o gesto do Bem Viver: mover-se com o mundo, não contra ele, aprendendo com a diversidade dos seres e suas formas de adaptação.

Em suma, “transformar os limites em traços flexíveis” é um convite à convivência e à criação coletiva. É reconhecer que todo conhecimento, toda arte, toda pesquisa nasce desse entre – do diálogo entre firmeza e fluidez, estabilidade e movimento, resistência e escuta. Assim, romper estruturas não é negar o que existe, mas reinscrever-se no fluxo da vida, permitindo que o conhecimento, a arte e a experiência se entrelacem como o rizoma, como a hera e a cobra, como o gesto de um ser que aprende a se mover com o mundo – e não contra ele. Nesse espaço rizomático de trocas, as fronteiras se tornam permeáveis, e o aprender se confunde com o viver, tecendo saberes que se curvam com o vento, mas não se quebram.

*Estabelecer limites faz parte do amar.
O fluir do amor sabe queimar o passado.
Para voar alto ou correr longas estradas,
é possível transbordar – mesmo com algumas bordas necessárias.*

O grupo-pesquisador formado por Anamalia Ribas e Jacques Gauthier reflete sobre a potência transformadora dos limites, compreendidos não como barreiras, mas como traços de proteção, consciência e amor. O diálogo faz emergir uma sabedoria que transita entre o espiritual, o simbólico e o existencial: voar alto exige reconhecer os riscos, manter o olhar atento e aprender a fluir entre firmeza e flexibilidade.

Anamalia inicia o movimento trazendo as imagens da fênix e da águia, símbolos de renascimento e visão ampla. Após o incêndio que destruiu sua casa, ela ressignifica o fogo como fenômeno de cura e reorientação – um chamado para reconectar-se à essência e reencontrar o próprio voo. Seu testemunho traduz o gesto de transmutar a dor em potência, reconhecendo que o amor também implica atravessar o fogo e deixar o passado arder.

Jacques, por sua vez, apresenta a onça como emblema da força interior e da consciência dos contornos. O jaguar – aquele que devora o ego – representa a necessidade de afirmar limites para não ser devorado nem devorar o outro. Essa sabedoria da floresta, aprendida nas medicinas ancestrais, revela a dialética entre vulnerabilidade e proteção, entre expansão da consciência e cuidado com as energias que nos atravessam. Amar, aqui, é um ato ético: delimitar-se sem endurecer, abrir-se sem dissolver-se.

Figura 5 – Integrantes do grupo 5



Fonte: Acervo da disciplina

O diálogo entre eles evidencia que a vida é feita de espirais e metamorfoses: a cada mudança, novos limites e aprendizagens se desenhavam. Jacques lembra que, como no voo da borboleta, a liberdade exige romper o casulo – mas também exige prudência, pois há sempre forças que ameaçam devorar o que nasce. É um movimento contínuo entre resistência e entrega, entre luta e contemplação.

A fala se eleva, então, a uma dimensão coletiva e espiritual: o olhar da águia e da coruja – que vê o todo e o invisível – convida à sabedoria dos ciclos, à consciência de que “a única coisa que não muda é que tudo muda”. Mesmo assim, valores éticos e espirituais permanecem, sustentando a luta e o renascer. Nesse momento, Carlo relembra o provérbio que diz “quiseram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”, reafirmando que amar é também demarcar, e viver em plenitude significa mover-se entre bordas e transbordamentos – onde o limite se torna caminho, e o voo, forma de cuidar da própria existência.

*Movimentos de equilíbrio e instabilidade em sentidos distintos e complementares.
Trajetórias que constroem identidades: raízes na terra estruturada,
balanço do voo em busca de coerências. Queremos ser resistência, criar conexões e enfrentar os desafios com
respeito, afetos e amores.*

O grupo formado por Daniela Gómez e Fernanda Lima compõe uma reflexão delicada sobre os movimentos que constroem identidades – entre enraizar-se e voar, permanecer e deslocar-se. A metáfora central nasce do encontro entre a árvore e o pássaro, imagens que, embora opostas, revelam-se complementares: a árvore, símbolo da estabilidade e da memória; o pássaro, expressão da liberdade e do movimento.

Daniela, colombiana, escolhe a *Ceiba pentandra*, árvore de sua terra natal, como representação de suas raízes e da busca por segurança. Sua relação com a estabilidade é também afetiva – uma forma de permanecer ligada às origens e à infância. Fernanda, por outro lado, identifica-se com os pequenos pássaros, seres do deslocamento e da leveza, que aprendem o mundo em movimento. Ao se encontrarem, perceberam que seus percursos, ainda que distintos, dialogam na busca por coerência entre o que se é e o que se deseja ser.

Figura 6 – Integrantes do grupo 6



Fonte: Acervo da disciplina

Essa dialética entre firmeza e fluidez traduz o movimento da vida: há momentos de enraizamento e momentos de voo, ambos necessários para a existência em equilíbrio. O encontro entre elas torna-se, assim, um exercício de escuta intercultural e sensível, em que diferenças de língua, território e trajetória se transformam em pontes de reconhecimento mútuo.

O texto que criaram juntas sintetiza esse aprendizado como uma poética da resistência e do afeto, afirmando uma transversalidade decolonial: reconhecer-se nas diferenças, aprender com o outro e equilibrar o movimento da vida entre raízes e asas. O equilíbrio, aqui, não é imobilidade, mas dança entre forças – entre estabilidade e instabilidade, entre o que se ancora e o que se arrisca a voar.

*Ser leve como uma flor-de-leão,
permitir-se estar livre
para pousar em diversos lugares e crescer.*

O grupo formado por Israel Costa e Ana Elisa Figueiredo constrói uma metáfora potente sobre leveza, deslocamento e reinvenção. A imagem da flor-de-leão (dente-de-leão), escolhida por Israel, traduz o sentido de uma existência que se espalha ao vento sem perder a capacidade de florescer. Suas sementes viajam e se reconstróem em novos solos, assim como ele, que saiu de Belém do Pará rumo a Florianópolis, encontrando, em cada deslocamento, oportunidades de aprender e transformar-se. A leveza da flor não é fragilidade, mas potência de expansão – uma forma de resistência que se reinventa na travessia.

O desenho de Ana Elisa, por sua vez, representa o movimento interno do autoconhecimento: um círculo que delimita o “eu” e linhas que o atravessam – umas entram, outras são repelidas, algumas se transformam ao cruzar a borda. Esse gesto visual reflete o processo de aprender a cuidar de si, reconhecer limites e acolher o que nutre o crescimento. Israel lê nesse traço a metáfora da inclusão e do pertencimento – a passagem entre o dentro e o fora, o acesso a diferentes espaços e a experiência de furar bolhas.

O encontro entre ambos revela o diálogo entre o deslocamento exterior e o movimento interior, entre o migrar e o introspectar. Ambos atravessam processos de reconstrução: ele, pelas

mudanças geográficas; ela, pela escuta de si. E é nesse cruzamento que nasce a frase-síntese: “Ser leve como uma flor-de-leão, permitir-se estar livre para pousar em diversos lugares e crescer”.

A flor-de-leão à luz da consciência do cuidado de si enunciado por Ana Elisa torna-se, assim, símbolo de transcolonialidade – um modo de existir que reconhece o valor do movimento, da multiplicidade e do renascer em diferentes territórios. O pousar, aqui, não é fixação, mas ato de germinar: cada lugar, uma nova possibilidade de vida; cada encontro, uma forma de florescer.

Figura 7 – Integrantes do grupo 7



Fonte: Acervo da disciplina

No gesto conjunto de Israel e Ana Elisa, o sopro que espalha as sementes é também o sopro da autonomia e da solidariedade – a consciência de que o crescer é sempre um processo compartilhado. Essa leveza insurgente aponta para uma ética de cuidado e interdependência: ser leve não é estar solto do mundo, mas estar disponível ao encontro, à transformação e ao florescimento coletivo.

*Autonomian.
Beijando a plena flor,
Para a bem-te-vida.*

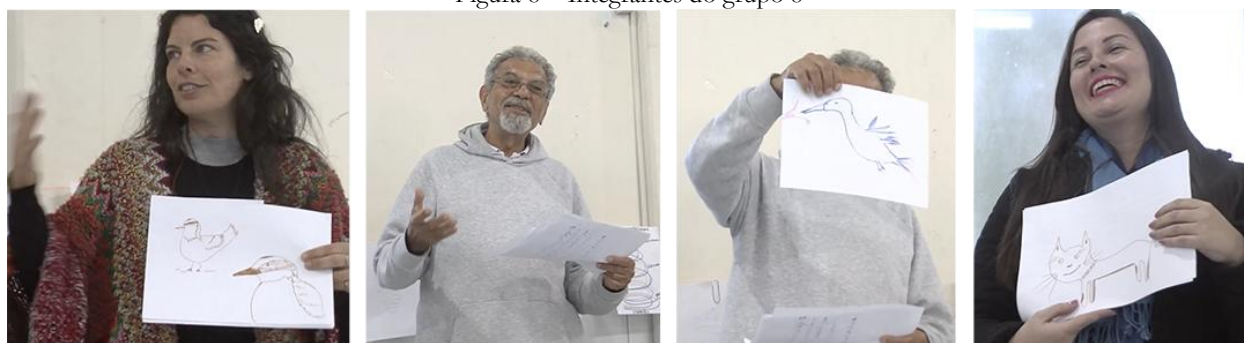
O grupo-coautor do presente artigo, formado por Barbara Lipinski, Fernanda do Canto e Reinaldo Fleuri, elaborou uma composição simbólica e poética que entrelaça autonomia, coexistência e Bem Viver como eixos de uma sensibilidade trans/contracolonial. A junção dos três desenhos – o bem-te-vi, o beija-flor e o gato – originou um pequeno haikai que expressa, de modo lúdico e profundo, o gesto de viver com liberdade e respeito às diferenças.

Cada imagem escolhida traz um sentido singular. Fernanda, ao partir da palavra *distribuição*, associa o bem-te-vi à circulação do conhecimento e das produções culturais que nascem nos territórios tradicionais – um gesto de garantir que a criação chegue a quem pertence, sem se perder nos caminhos da colonialidade. Reinaldo, com o beija-flor, evoca o *mensageiro do Bem Viver*: leve, ágil, portador da delicadeza e da persistência da vida que resiste. Barbara, com o gato, introduz a noção de *autonomia*

amorosa – o movimento livre e autêntico que se aproxima sem se submeter, que compartilha sem perder a própria inteireza.

A união dos três seres – pássaros e felino, voo e contemplação – torna-se uma metáfora de convivência possível, onde o encontro não gera ameaça, mas sim cuidado e reciprocidade. O gato, em paz, segura a flor; o beija-flor a toca; o bem-te-vi observa. Nessa cena, a autonomia não é isolamento, mas relação ética com o outro e com o mundo, uma forma de existir com liberdade e responsabilidade partilhada.

Figura 8 – Integrantes do grupo 8



Fonte: Acervo da disciplina

O grupo amplia essa leitura ao pensar o limite como potência criadora. Ao invés de barreira, o limite é compreendido como *limiar*, zona fértil onde se produz invenção, conexão e resistência. É nessa fronteira – entre o individual e o coletivo, o humano e o mais-que-humano, o pessoal e o político – que florescem os gestos de liberdade e afeto que sustentam a “bem-te-vida”.

Assim, “Autonomiau. Beijando a plena flor, Para a bem-te-vida” sintetiza o espírito de uma transcolonialidade poética e afetiva, que busca viver com leveza, consciência e interdependência. A flor beijada, o voo compartilhado e o toque suave do gato traduzem o gesto político e sensível de *existir em relação* – florescendo nas margens, entre os mundos, para que a vida possa seguir, livre e múltipla.

Resistência e autonomia: reexistências transcoloniais

À luz dos conceitos de confluência e devir, revisitamos no trecho acima o encontro vivenciado em 14 de agosto de 2025⁷ em que os grupos pesquisadores expressaram seus temas geradores, com os quais buscamos estabelecer um diálogo com o tema gerador de nosso grupo *Autonomiau*.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/7aMmMifHToc?si=tRwgfHHk0DbVyO3n>. Acesso em: 28 jan. 2026.

Dentre as múltiplas falas que compuseram o tema gerador de nossa experiência sociopoética, emerge a palavra *resistência*, entendida não apenas como oposição, mas como confluência entre seres e forças que se complementam sem perder suas singularidades e sua autonomia. A resistência aparece, assim, como palavra-situação, como o próprio campo de experiência em que se entrelaçam as lutas antirracistas, as reconfigurações subjetivas e as práticas comunitárias que enfrentam o antropoceno e o capitaloceno (Haraway; Tsing, 2019), afirmando a reexistência de outras possibilidades de vida. Inspirada pela noção rizomática de Deleuze e Guattari (1997), essa resistência não se fixa em uma identidade ou em uma oposição rígida, mas se espalha em redes, conexões e enraizamentos múltiplos – uma trama viva, como propõe Nêgo Bispo (Santos, 2023a), entre confluência, devir e reciprocidade.

Toda resistência carrega um horizonte de liberdade. Resistir é libertar-se das sutis formas de sujeição que moldam o pensamento, os afetos e os modos de viver. Essa liberdade é uma liberdade relacional, que se realiza na conexão com os outros seres – humanos, não humanos, ancestrais, espirituais e em potência. A libertação é, ao mesmo tempo, um cuidado de si e um cuidado do mundo, uma reconexão com as heranças ancestrais que sustentam a vida e impedem a fragmentação da existência.

Ao deslocar-se de uma lógica de oposição para uma lógica de interdependência, a resistência se transforma em flexibilidade criadora, que opera nos interstícios, nas fissuras, nos entre-lugares. Esses espaços de passagem e de tensão são, simultaneamente, lugares de conflito e de invenção. Neles, a vida encontra caminhos para se recriar, transformando os limites em traços flexíveis, em devires, em novas formas de estar no mundo. Tal movimento ecoa os princípios do Bem Viver, compreendidos como uma ética da relacionalidade: viver em equilíbrio com todos os seres – os que se opõem, os que se complementam, os que já viveram e os que ainda estão por vir. Nessa reciprocidade, o humano se reconhece como parte da totalidade da vida, enraizado no chão e conectado ao infinito – entre o nadir e o zênite, entre a terra e o cosmos.

É nesse horizonte que se inscreve o conceito de transcolonialidade, compreendido como um movimento que atravessa e fecunda as tensões entre as práticas decoloniais (que desconstroem as lógicas coloniais dentro das instituições) e as contracoloniais (que emergem dos povos originários e comunidades tradicionais que não se deixaram colonizar por manterem seus vínculos com as ancestralidades). A transcolonialidade não busca conciliar ou apagar as contradições, mas mantê-las vivas como forças criativas, fertilizando o campo de relações e abrindo passagens para novos modos de pensar e existir.

Assim, a resistência deixa de ser apenas reação e torna-se ato de criação, gesto de ressurreição das cinzas do mundo colonial que se implodiu. Liberdade e resistência, nesse sentido, não se opõem, mas se entrelaçam em um mesmo processo de autoconsciência e reconexão, em que os limites se

transformam em aberturas e as tensões se tornam lugares de passagem para a vida em plenitude. Dessa maneira, viver em plenitude não é chegar a um estado final, mas permanecer em movimento: resistir sem endurecer, *autonomiar* sem isolar.

Para concluir

A experiência relatada neste artigo expressa um movimento conjunto de reinvenção do aprender e do conviver, em que o conhecimento deixa de ser propriedade individual para se tornar um campo de criação partilhada. A disciplina *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: uma experiência sociopoética* revelou que aprender pode ser um ato de encontro – entre pessoas, saberes, mundos e ancestralidades –, e que esse encontro é, em si, uma forma de resistência às estruturas coloniais que ainda atravessam a universidade.

Ao longo das vivências, nossos caminhos se cruzaram e se fecundaram mutuamente, compondo uma rede de sentidos que afirma a autonomia como reciprocidade, a crítica como escuta e a plenitude como devir. Nessas narrativas, a docência se torna diálogo; a curiosidade se transforma em consciência; o design se converte em prática de reconexão. Três trajetórias singulares que, ao se encontrarem, configuram o que chamamos de *Autonomiau* – um modo de existir e pesquisar que “beija a flor da vida”, cultivando o saber como gesto de amor, liberdade e partilha. Como diz Nêgo Bispo, é fazer com os outros e não contra eles, reconhecendo que toda liberdade verdadeira é relacional.

A partir da sociopoética, da confluência e do devir, aprendemos que toda aprendizagem viva é também um processo de *de-trans-contracolônização* do olhar: desaprender o que oprime, resistir ao que homogeneiza e atravessar fronteiras para reencontrar a vida em sua diversidade. Essa travessia nos mostrou que a transcolonialidade não é apenas um exercício teórico, mas uma prática cotidiana de cuidado, diálogo e envolvimento com o mundo – uma pedagogia da escuta e do vínculo.

Assim, este artigo se encerra reafirmando o que o percurso coletivo nos ensinou: que a plenitude não está no domínio do saber, mas no seu fluxo; não na rigidez das formas, mas nas linhas flexíveis do encontro. Viver e aprender em plenitude é fazer do conhecimento um rio que corre em confluência – alimentando, transformando e sendo transformado – no movimento contínuo da vida que se reinventa.

Referências

CURY, M.X. (org). **Museus e indígenas**: saberes e ética, novos paradigmas em debate. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FIGUEIREDO, K.; OKAWATI, J.A.A.; TEIXEIRA, H.T.G.C.L. Metodologia Fleuriana: trajetórias de uma pedagogia decolonial e intercultural. *In*: FLEURI, R.M.; OKAWATI, J.A.A. (org.). **Pedagogias e Narrativas Decoloniais**. Curitiba: CRV, 2021, p. 31-48.

FLEURI, R.M. **Conversidade**: diálogo entre universidade e movimentos sociais. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

HARAWAY, D.J.; TSING, A.L. **Reflections on the Plantationocene**: a conversation with Donna Haraway & Anna Tsing. Madison: Edge Effects Magazine; Center for Culture, History, and Environment in the Nelson Institute at the University of Wisconsin, 2019.

MURACA, M.; FLEURI, R.M. (orgs). **Escrita coletiva, formação e pesquisa**: uma experiência a partir das eleições brasileiras de 2022. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SANTOS, A.B. dos (Nêgo Bispo). Somos da terra. *In*: CARNEVALLI, F. *et al.* (org). **Terra**: antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023a.

SANTOS, A.B. dos (Nêgo Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023b.

Abstract

This article presents a collective reflection built upon the experience lived in the course *Living, Living Together and Generating Life in Plenitude: Sociopoetic Research for the Organization of Knowledge*. The proposal, developed within an academic context, sought to challenge and expand ways of learning and living together, bringing together scientific, artistic, and ancestral knowledge. Through sociopoetics and a *de-trans-countercolonial* approach, the experience made it possible to understand learning as a living, relational, and critical practice, in which knowledge emerges from the encounter between diverse people and worlds. The authors' trajectories intertwine in this journey, composing the concept of *Autonomiau* – a way of learning in freedom, nurtured by curiosity, listening, and shared creation. The text highlights that fullness is built at the confluence of autonomy and collectivity, reason and sensitivity, science and life. By proposing an education based on dialogue and reciprocity, the article affirms learning as a political and poetic gesture of resistance to colonial logics, and living in fullness as an ethical and existential horizon. It is within this context that the concept of transcoloniality is inscribed, understood as a daily practice of care, dialogue, and connection, a pedagogy of listening that traverses and enriches the tensions between decolonial and countercolonial practices.

Keywords: autonomy; re-exist; transcoloniality; sociopoetics; Living in Plenitude.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión colectiva basada en la experiencia vivida en el curso *Vivir, convivir y generar Vida en plenitud: investigación sociopoética para la organización del conocimiento*. La propuesta, desarrollada en un contexto académico, buscó desafiar y expandir las formas de aprender y convivir,

integrando el saber científico, artístico y ancestral. Mediante la sociopoética y un enfoque *de-trans-contracolonial*, la experiencia permitió comprender el aprendizaje como una práctica viva, relacional y crítica, en la que el conocimiento emerge del encuentro entre personas y mundos diversos. Las trayectorias de los autores se entrelazan en este recorrido, componiendo el concepto de *Autonomian* – una forma de aprender en libertad, nutrida por la curiosidad, la escucha y la creación compartida. El texto destaca que la plenitud se construye en la confluencia de la autonomía y la colectividad, la razón y la sensibilidad, la ciencia y la vida. Al proponer una educación basada en el diálogo y la reciprocidad, el artículo afirma el aprendizaje como un gesto político y poético de resistencia a las lógicas coloniales, y la vida plena como un horizonte ético y existencial. Es en este contexto donde se inscribe el concepto de transcolonialidad, entendido como una práctica diaria de cuidado, diálogo y conexión, una pedagogía de la escucha que atraviesa y enriquece las tensiones entre las prácticas decoloniales y contracoloniales.

Palabras clave: autonomía; resistencia; transcolonialidad; sociopoética; Vivir en Plenitud.